

## A BATALHA DE ÂNZIO Por Reinaldo V. Theodoro



Foto colorida da praia de Ânzio. Caminhões anfíbios DUKW trazem suprimentos para a abastecer a cabeça-de-praia. Ao largo, a frota de invasão.

### Introdução:

Após a invasão da Itália e a rendição desse país (09/09/43), a situação militar no Mediterrâneo sofreu uma alteração absolutamente drástica.

Do lado alemão, surgiu um dilema: o que seria melhor: recuar as suas forças para a linha dos Montes Apeninos, no norte da Itália, ou defender cada palmo do território italiano? No primeiro caso, os alemães teriam uma tremenda economia de forças (algo em torno de dez divisões), com linhas de comunicação mais curtas e bloqueando os acessos meridionais do continente europeu, impedindo os aliados de penetrar nos Bálcãs e no sul da França – ou na própria Alemanha. A segunda fórmula previa o estabelecimento de uma linha defensiva ao sul de Roma, também baseada numa região montanhosa. Com isso, os aliados seriam mantidos mais longe do coração da Europa por mais tempo, além de manter em mãos alemãs a cidade de Roma. Por fim, após muita discussão, Hitler se decidiu pela segunda opção.

Do outro lado, os aliados não tinham objetivos militares específicos no território italiano, a não ser o estabelecimento de bases aéreas para bombardear a Alemanha e atrair para longe da Rússia e da França o máximo de tropas alemãs. Pretendiam fazer as duas coisas com o mínimo possível de recursos, uma vez que toda a priori-

dade estava sendo dada à "Operação Overlord", a abertura da tão esperada 2ª frente na Normandia. Contudo, a determinação e competência alemãs, o mau tempo e as dificuldades do terreno fizeram com que o avanço pela "bota" italiana fosse lento e sangrento. Quando o inverno de 1943-44 chegou, os aliados mal haviam arranhado a linha defensiva alemã, conhecida como "Linha Gustav". Os aliados começaram então a discutir alternativas e uma delas – por demais óbvia – seria explorar a supremacia aeronaval aliada para realizar um desembarque atrás das linhas alemãs. Um dos locais mais apropriados para isso era na região do pequeno porto de Anzio, apenas a 50 quilômetros ao sul de Roma. Contudo, as embarcações de desembarque necessárias para tal operação já estavam destinadas a serem transferidas para a Inglaterra, em preparação para o "Dia-D".

Quando parecia que a ideia estava para ser abandonada, o Primeiro-Ministro britânico Winston Churchill interveio, exigindo que o planejamento da operação prosseguisse e garantindo que as embarcações estariam disponíveis. Com isso, a operação – que recebeu o nome-código "Shingle" – foi reavivada.

Com a "Shingle", os aliados pretendiam criar uma grande ameaça no flanco alemão, com o duplo propósito de cortar as linhas de comunicações

alemãs e atrair as reservas e até parte das tropas inimigas que guarneciam a "Linha Gustav". Para aproveitar o caos que "Shingle" provocaria na retaguarda alemã, foram programados fortes ataques contra a "Linha Gustav". Todos esperavam que esse esforço resultaria em algum tipo de colapso das defesas alemãs na Itália. Mas o que realmente aconteceu foi totalmente diferente disso.



"É um longo caminho até Roma". Cartaz alemão de propaganda ironiza o avanço aliado na Itália.

### As Forças:

As forças aliadas na Itália estavam subordinadas ao 15º Grupo-de-Exércitos, do General britânico Sir Harold R. L. G. Alexander. Subordinados a ele estavam dois exércitos: o 5º americano, do Tenente-General Mark W. Clark, e o 8º britânico, do General Sir Oliver Leese. Toda a operação estaria a cargo do 5º Exército, composto pelo 10º Corpo britânico, 2º Corpo americano, Corpo Expedicionário Francês e, preparando-se para desembarcar em Ânzio, o 6º Corpo americano. Este Corpo era comandado pelo Major-General John P. Lucas. Para a missão à sua frente, ele contaria igualmente com unidades americanas e britânicas. As americanas eram: 3ª Divisão de Infantaria (DI), 504º Regimento Pára-quedista, 751º Batalhão de Tanques, 509º Batalhão Pára-quedista e o 6615º Regimento de Rangers; as britânicas seriam a 1ª DI, o 46º RTR (Royal Tank Regiment = Real Regimento de Tanques) e a 2ª Brigada de Serviços Especiais (Commandos). A 45ª DI e o Comando de Combate "A" (CCA) da 1ª

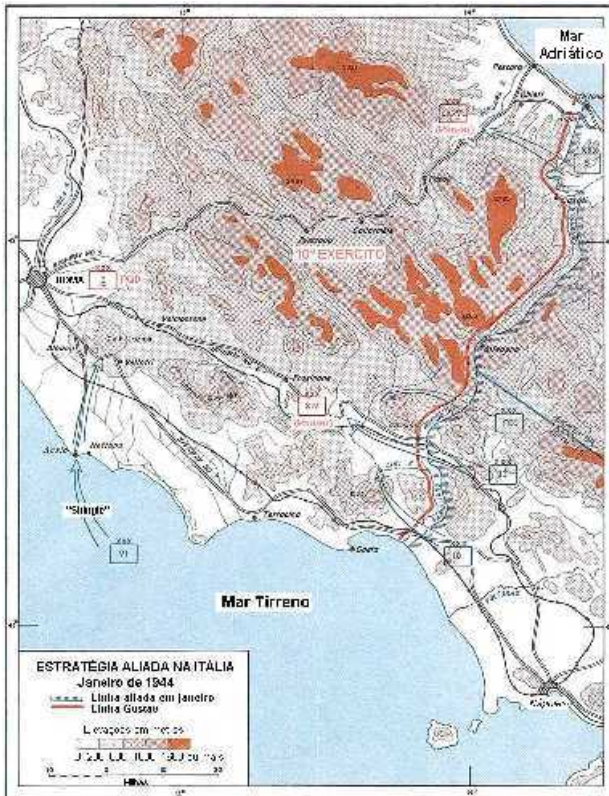
Divisão Blindada (DB), ambas americanas, estariam em reserva e seriam desembarcados assim que a cabeça-de-praia estivesse estabelecida. Do lado alemão, a frente italiana estava sob as ordens do Feldmarschall Albert Kesselring, comandante do Grupo-de-Exércitos "C". A "Linha Gustav" era defendida pelo 10º Exército alemão, do General Heinrich von Vietinghoff. Ele contava apenas com dois Corpos-de-Exército, o 14º Panzer, que guarnecia metade da linha desde a costa do Mar Tirreno, e o 76º Panzer, que defendia a outra metade até a costa do Mar Adriático. Cabia ao 14º Corpo Panzer a manutenção do vale do Liri, região de mais fácil acesso à planície de Roma e cuja defesa estava ancorada em um monte que ficaria muito famoso: o Monte Cassino. Já o 10º Exército estava estacionado no norte da Itália e destinava-se a guarnecer a região e administrar unidades desgastadas que estavam em processo de descanso e recuperação. A região de Ânzio, portanto, não estava sob a responsabilidade direta de nenhum dos dois exércitos. A área era usada para descanso e manutenção de reservas. Não tinha uma guarnição forte e nem defesas de costa adequadas. De fato, constitui motivo de espanto que os alemães não tenham fortificado a área e mantido, ao menos, uma forte guarnição no local.

### Ânzio:

Ânzio e Nettuno eram pequenas cidades de veraneio que antes da guerra atraíam muitos turistas interessados em aproveitar o mar e o sol. Agora, os "turistas" aliados estavam mais interessados em outros aspectos de sua posição geográfica. Ânzio estava a uma distância ideal para lançar um ataque sobre Roma e também estava ao alcance da aviação aliada baseada em Nápoles. O terreno na região consistia de uma planície costeira, contendo vários bosques e fazendas, com vários canais e drenos de irrigação. No flanco direito da futura cabeça-de-praia havia o Canal Mussolini e os Pântanos Pontinos e, no flanco esquerdo, havia os rios Moletta e Incastro. Além de delimitar convenientemente o perímetro da cabeça-de-praia, esses acidentes geográficos proporcionavam excelentes proteções de flanco para as forças invasoras. A cerca de 30 quilômetros além da praia, ficavam os Montes Albanos, o único obstáculo natural significativo entre Ânzio e Roma. Ao redor deles, passavam as duas principais rodovias que, de Roma, se dirigiam para a "Linha Gustav". A oeste ficava a Rodovia Nº 7 e, a leste, a Rodovia Nº 6. A sudeste dos Montes Albanos ficava a brecha de Velletri, que permitiria o rápido acesso a Valmontone, na Rodovia Nº 6. A leste da brecha de Velletri estavam as Montanhas Lepini, cuja extremidade sudeste encontrava-se com os Pântanos Pontinos, os quais se



estendiam até Terracina. Outro fator importante na futura cabeça-de-praia era a Rodovia de Albano, que ligava Ânzio à cidade de Albano e que, de lá, seguia para Roma.



A estratégia aliada na Itália, janeiro de 1944.

### Operações Prévias:

A "Shingle" seria executada a 22/01/44, mas dez dias antes o 15º Grupo-de-Exércitos investiria contra a "Linha Gustav". O 5º Exército forçaria a passagem pelo vale do Liri, enquanto o 8º Exército atacaria na frente do Adriático para impedir que os alemães retirassem tropas de lá para reforçar as frentes do Liri e de Ânzio.

A ofensiva começou a 12/01/44, com o assalto do Corpo Expedicionário Francês ao norte de Monte Cassino e do 10º Corpo britânico ao sul, a partir da cabeça-de-ponte no rio Garigliano. Embora houvesse alguns ganhos locais, ambos os ataques fracassaram em conseguir qualquer coisa que se parecesse com uma ruptura. A 20/01/44, o 2º Corpo americano atacou no rio Rápido, ao sul de Monte Cassino, com a esperança de dar o golpe de misericórdia na abalada linha alemã. Dois dias depois, a 36ª Divisão de Infantaria americana, uma unidade da Guarda Nacional do Texas, havia sofrido uma das piores derrotas da história do Exército dos Estados Unidos. Em troca de uma precária cabeça-de-ponte que não pôde ser mantida, a divisão sofrera mais de 1.600 baixas e praticamente fôra riscada da ordem de batalha aliada. A "Linha Gustav" havia resistido a

tudo o que os aliados haviam jogado contra ela. Com a "Operação Shingle" agora em andamento, parecia que um dos aspectos previstos no planejamento – ou seja, uma rápida junção da cabeça-de-praia com o grosso do 5º Exército – não iria mais ocorrer. Quais seriam as conseqüências disso nas semanas seguintes?

### O Desembarque:

Durante as primeiras horas de 22/01/44, as tropas do 6º Corpo se aprestaram para o desembarque. Todos, começando pelo General Lucas, tinham pensamentos sombrios. Pouco mais de quatro meses antes, os aliados haviam quase sido jogados ao mar em Salerno. A feroz luta no solo italiano havia ensinado a todos – e do jeito mais difícil – o que esperar dos alemães.

Contudo, o que aconteceu foi totalmente inesperado. Simplesmente não havia defesas em Ânzio. Ao longo de mais de 20 quilômetros, as tropas desembarcaram sem qualquer oposição significativa<sup>1</sup>. O próprio Lucas não acreditou em seus olhos quando não conseguiu ver o fogo de metralhadoras nas praias. As unidades aliadas avançaram sem dificuldade e pelo meio-dia já haviam atingido todos os objetivos previstos para o primeiro dia. Os Rangers ocuparam rapidamente o porto de Ânzio, enquanto o 509º Batalhão Pára-quedista ocupava Nettuno. Um soldado do 504º Regimento Pára-quedista posteriormente lembrou-se de que o dia estava ensolarado e quente, o local era uma praia aprazível e que era difícil acreditar que havia uma guerra em andamento e que ele estava bem no meio dela.



A praia de Ânzio. Tropas americanas desembarcam, enquanto uma barcaça de desembarque atingida lança fumaça para o ar.

Já na tarde do primeiro dia, o 36º Regimento de Engenharia de Combate havia conseguido tornar operacional o porto de Ânzio. Pela meia-noite,

<sup>1</sup> Apenas uma companhia defendia – ou melhor, patrulhava – todo o setor.

mais de 36.000 homens e 3.200 veículos, 90% da força de invasão, estavam em terra. As baixas aliadas haviam sido de 13 mortos, 97 feridos e 44 desaparecidos. Os aliados haviam capturado 227 atordoados alemães.

Todos os comandos alemães foram totalmente surpreendidos pelo desembarque. Kesselring não acreditava que os aliados realizassem um desembarque em pleno inverno e não estava de forma alguma preparado para enfrentar imediatamente a nova ameaça, pois as suas reservas haviam sido enviadas para deter a ofensiva aliada contra a "Linha Gustav". Apesar disso, Kesselring reagiu com grande energia e assumiu um grande risco. Enviou imediatamente para a região a 4ª Divisão Pára-quedista (ainda em formação na região de Roma) e a Divisão Panzer Hermann Goering (então em fase de descanso e recuperação), com ordens de bloquear os acessos para Roma e os Montes Albanos. Ao mesmo tempo, ordenou que Vietinghoff enviasse para Ânzio todas as forças que ele pudesse liberar. Com isso, elementos da 3ª Divisão Panzergrenadier e da 71ª DI se deslocaram apressadamente para lá. O 14º Exército também recebeu ordens de enviar todas as forças disponíveis e o QG do 1º Corpo Pára-Quedista foi incumbido de assumir o comando das forças destinadas a Ânzio. Hitler despachou também unidades estacionadas na Alemanha, na França e na Iugoslávia. Pelo fim do primeiro dia, milhares de soldados alemães estavam convergindo para Ânzio, apesar dos atrasos causados pelos ataques da aviação aliada.

#### A Decisão de Lucas:

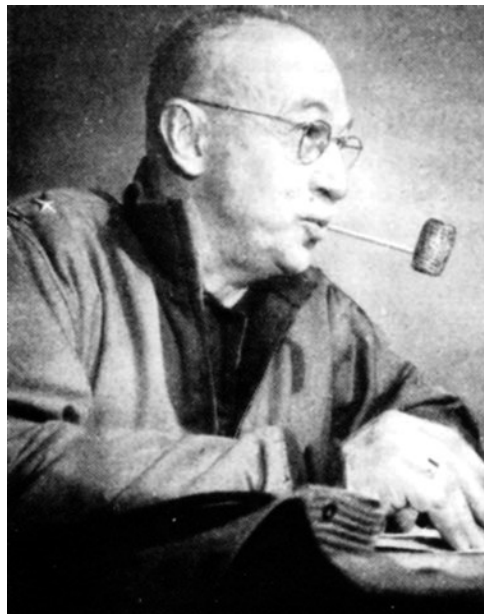
As ordens que Clark havia dado a Lucas se limitavam a dois pontos: primeiro, Lucas teria que atrair as reservas inimigas do sul e preparar um perímetro defensivo seguro em torno de Ânzio; já o segundo ponto acende polêmicas até hoje.

Segundo as ordens de Clark, Lucas teria ainda que avançar em direção aos Montes Albanos. No entanto, essas ordens eram intencionalmente vagas, pois caberia a Lucas decidir se os Montes Albanos seriam apenas uma direção geral a ser seguida ou o objetivo a ser atingido.

É preciso agora lançar alguma luz sobre fatos que precederam a "Operação Shingle". Tanto Clark quanto Lucas estavam bastante céticos quanto a ela, não tanto quanto à sua concepção estratégica, mas quanto aos meios à sua disposição. Ambos concordavam que duas divisões eram uma força totalmente inadequada para realizar qualquer tarefa além de conquistar e manter uma cabeça-de-praia – e talvez nem isso. O General Lucian K. Truscott, comandante da 3ª DI, havia mesmo declarado: "Se esta é uma missão suicida, fico honrado que a 3ª Divisão tenha sido escolhida para ela, mas sinceramente achava que

merecíamos destino melhor".

Como a influência britânica – particularmente de Churchill – havia prevalecido na decisão de realizar a operação, havia algum ressentimento do lado americano. Lucas escreveu em seu diário: "A coisa toda cheira a 'Gallipoli'<sup>2</sup> - e parece que o mesmo amador está à frente".



Major-General John P. "Old Luke" Lucas era um graduado de West Point e comandou um batalhão na 1ª Guerra Mundial.

Quando o 6º Corpo desembarcou em Ânzio, os ataques contra a "Linha Gustav" já haviam fracassado, portanto, não havia nenhuma esperança de fazer contato com o grosso do 5º Exército num futuro próximo.

Alexander e Clark visitaram a cabeça-de-praia nesse mesmo dia. Segundo Lucas, Clark parecia um tanto abatido pelos reveses do 5º Exército e, ao se despedir, ainda disse a Lucas: "Não ponha a cabeça de fora, Johnny. Eu fiz isso em Salerno e me vi em dificuldades".

Em vista de tudo isso, Lucas tomou a única decisão que parecia viável: entrincheirar-se e preparar-se para o inevitável contra-ataque alemão, que, como de costume, não devia tardar.

Mas tardou.

#### Os Primeiros Dias:

Durante alguns dias, o 6º Corpo continuou progredindo de forma a ocupar melhores posições e a cabeça-de-praia chegou a ter 11 quilômetros de profundidade. A 24/01/44, a 1ª DI britânica come-

<sup>2</sup> Gallipoli foi o local de uma ambiciosa operação de desembarque aliada na Turquia durante a 1ª Guerra Mundial, igualmente promovida por Churchill, que então era o 1º Lorde do Almirantado – a operação terminou em total fracasso.

çou a se mover pela Rodovia de Albano na direção de Campoleone e, com a ajuda do 179º Regimento de Infantaria (RI) da 45ª DI americana, capturou a cidade de Aprília, conhecida como "A Fábrica", devido aos edifícios fabris na sua área. Durante os três dias seguintes, o avanço anglo-americano empurrou os alemães para mais 2,5 quilômetros de distância da fábrica, criando um saliente nas linhas inimigas. Reconhecimentos em força realizados pela 3ª DI na direção de Cisterna e pelo 504º Regimento Pára-quedista na direção de Littoria fizeram algum progresso, mas foram detidos pela crescente resistência alemã. Os americanos chegaram a ficar a 5 quilômetros de Cisterna e a 3 quilômetros além da margem oeste do Canal Mussolini, mas a ação foi interrompida por ordem de Lucas, para que a cabeça-de-praia fosse consolidada e reorganizada.

Enquanto isso, a concentração de meios prosseguia nas praias. A 01/02/44, o porto de Ânzio atingia a sua capacidade total. Lucas ordenou também o desembarque do restante da 45ª DI e do contingente da 1ª DB destinada à operação. Com isso, o total de tropas aliadas na cabeça-de-praia superou os 60.000 homens.

As fortes defesas anti-aéreas estabelecidas na área, bem como o concurso da 64ª Ala de Caças, abateram nada menos que 97 aviões alemães. No entanto, a aviação inimiga havia conseguido afundar o destróier HMS Janus e o navio-hospital HMS David. Além disso, destruíram significativas quantidades de material estocado nas praias entulhadas.

Embora tanto o OKW quanto Kesselring tivessem sido totalmente surpreendidos pelo desembarque aliado, ambos ficaram ainda mais surpresos quando os aliados simplesmente pararam e se entrincheiraram. Os alemães achavam que os aliados poderiam ter enviado uma coluna motorizada diretamente para os Montes Albanos e ocupá-los praticamente sem oposição nos dois primeiros dias da operação. Poderiam ter cortado as duas rodovias que seguiam para a "Linha Gustav" ou mesmo entrado em Roma, pois não havia forças alemãs significativas que pudessem impedi-los. Por 24/01/44, porém, Kesselring estava confiante de que já havia conseguido concentrar forças suficientes para conter a cabeça-de-praia e começou a planejar a sua erradicação. Transferiu o QG do 14º Exército, do General Eberhard von Mackensen, e colocou sob suas ordens elementos de 8 divisões, totalizando 40.000 homens, com mais 5 divisões a caminho.

Enquanto isso, Lucas sentiu-se suficientemente seguro para planejar um ataque de duas pontas: uma força iria atacar na direção de Cisterna, com o objetivo de cortar a Rodovia Nº 7, enquanto outra atacaria ao longo da rodovia de Albano, rompendo através do saliente de Campoleone. Ao mesmo tempo, uma nova ofensiva estava sendo

preparada pelo 5º Exército, para novamente tentar romper a "Linha Gustav" em Monte Cassino e fazer contato com a cabeça-de-praia. Obviamente, tal plano só poderia ser realizável nos primeiros dias após o desembarque. Agora, uma semana depois, até mesmo a sobrevivência do 6º Corpo estaria em breve ameaçada.

A força destinada a atacar Cisterna compunha-se da 3ª DI e do 6615º Regimento de Rangers (1º, 3º e 4º Batalhões). Os 1º e 3º Batalhões de Rangers formariam a ponta-de-lança do ataque, se infiltrando pelas linhas alemãs e atingindo Cisterna, que deveria ser ocupada e mantida até que o 15º RI e o 4º Batalhão de Rangers chegassem pela estrada Conca-Cisterna. Enquanto isso, o 7º RI atacaria à esquerda e cortaria a Rodovia Nº 7 em um ponto acima de Cisterna. O 15º RI então passaria por Cisterna e cortaria a Rodovia Nº 7 ao sul da cidade. O 504º Regimento Pára-quedista faria ainda um ataque diversivo ao longo do Canal Mussolini. Sem que os americanos soubessem, era exatamente nessa área que os alemães estavam concentrando as forças destinadas à sua própria ofensiva.

Os Rangers partiram a 1:30 h e, ao romper do dia, estavam a cerca de 750 metros de Cisterna. Mas a 715ª DI alemã detectou os intrusos e preparou uma devastadora emboscada à primeira luz da manhã. O combate foi violento e sem esperanças. Os Rangers foram rapidamente cercados e esmagados por um inimigo superior em meios e em números. Os esforços realizados pelo 4º de Rangers e pelo 15º RI para salvar seus camaradas falhou e pelo meio-dia unidades blindadas da Divisão Hermann Goering haviam forçado os Rangers a recuar para o terreno aberto. Os americanos tentaram ainda escapar em pequenos grupos, mas foram impiedosamente caçados. Dos 767 homens dos dois batalhões, apenas 6 eventualmente retornaram às linhas aliadas.

A despeito desse desastre, os 7º e 15º RI continuaram com seus ataques como planejado. O combate foi particularmente encarniçado e os alemães se defenderam e contra-atacaram com invulgar obstinação. O Sargento Truman O. Olson, da Companhia "B" do 1º Batalhão do 7º RI, operando uma metralhadora leve, participou de um combate que durou 16 horas pela conquista de uma posição alemã e a sua companhia sofreu 1/3 de baixas. Tendo conseguido um ponto de apoio na posição inimiga, os sobreviventes se entrincheiraram, enquanto o Sargento Olson e seus homens operavam a única metralhadora que restara. Os contra-ataques alemães prosseguiram durante toda a noite e os homens de Olson foram tombando um por um. Após 24 horas ininterruptas de combate e estando ele mesmo ferido no braço, Olson continuou a operar sozinho a metralhadora, detendo um ataque alemão de cerca de 200 homens, apoiados por morteiros e artilharia. Olson

foi seriamente ferido, mas recusou-se a ser evacuado. Uma hora e meia depois, Olson foi novamente – e agora fatalmente – ferido. Ainda assim, continuou a operar a sua metralhadora, matando pelo menos 20 inimigos e ferindo muitos mais, obrigando os alemães a recuar. Por suas ações nesse dia, o Sargento Olson foi agraciado postumamente com a Medalha de Honra do Congresso.

Apesar de algum progresso ser obtido, a duras penas, pela 3ª DI, as unidades de vanguarda reportavam uma resistência cada vez maior do inimigo. Ao anoitecer de 31/01/44, os americanos ainda estavam a mais de 1 quilômetro de seus objetivos. No dia seguinte, tornou-se óbvio que não era possível tomar Cisterna.

A outra ponta do ataque aliado foi lançado pela 1ª DI britânica e pelo CCA da 1ª DB americana na direção de Campoleone e dos Montes Albanos. O ataque teve um bom êxito inicial, porém, o terreno molhado de chuva, os campos minados e o preciso fogo inimigo retardaram o avanço do CCA e, ao anoitecer de 30/01/44, os tanques americanos ainda estavam lutando para atingir a sua linha de partida. Os britânicos, ao contrário, avançaram 3 quilômetros no primeiro dia, mas também não conseguiram realizar uma ruptura. O General Lucas mudou os planos para o segundo dia do ataque e ordenou que os britânicos rompessem a linha alemã ao longo da rodovia de Albano em Campoleone e que a brecha fosse explorada pelo CCA. Durante os dois dias seguintes, os aliados atingiram Campoleone, penetraram a principal linha de defesa alemã e abriram uma brecha de cerca de 3 quilômetros nela. Mas as tropas estavam exaustas e incapazes de explorar o sucesso e a ofensiva foi suspensa.

A ofensiva aliada fracassara. As baixas haviam sido pesadas, a resistência alemã estava cada vez mais robusta e a Inteligência informava a contínua chegada de novas unidades inimigas. Os aliados também começaram a compreender os indícios de que os alemães estavam se preparando para lançar um grande ataque contra a cabeça-de-praia. Reforços foram enviados, incluindo a 1ª Força de Serviços Especiais, unidade formada por voluntários americanos e canadenses. Também chegaram elementos da 56ª DI britânica e unidades de artilharia de campanha e anti-aérea. O número de soldados aliados na cabeça-de-praia chegava assim a 100.000.

Apesar disso, a 04/02/44, o 14º Exército alemão era superior em número aos aliados (cerca de 120.000). No entanto, Mackensen ainda não estava pronto para atacar. Suas unidades ainda estavam muito desorganizadas, pois elas chegavam aos poucos à frente de Ânzio e muitas vezes eram lançadas em pontos ameaçados da linha. Havia também escassez de munição e de unidades blindadas. Muitas das tropas não tinham trei-

namento completo nem líderes qualificados. Os ataques aéreos aliados também estavam prejudicando as comunicações e o transporte de suprimentos. Com tudo isso, o QG do 14º Exército expressou suas dúvidas quanto à eliminação da cabeça-de-praia de Ânzio com as tropas então disponíveis. Mas Hitler havia ordenado pessoalmente que o "abscesso" abaixo de Roma fosse removido a qualquer custo.

### **A Ofensiva Alemã:**

Tendo já detido o avanço aliado na direção de Cisterna e em Campoleone, os alemães renovaram seus preparativos para uma ofensiva geral contra a cabeça-de-praia de Ânzio. Durante os primeiros dias de fevereiro, enquanto esses preparativos estavam em andamento, os alemães acreditavam que o 6º Corpo pudesse atacar novamente em um esforço para irromper da cabeça-de-praia. Eles também temiam que os aliados pudessem tentar outro desembarque anfíbio a noroeste de Ânzio, em coordenação com uma tentativa de ruptura através do rio Moletta. Os ataques alemães do início de fevereiro foram projetados não somente para preparar o caminho para a ofensiva principal, mas também para manter uma pressão constante contra o 6º Corpo, impedindo assim os aliados de se reorganizar para uma nova tentativa de ruptura.

Às vésperas da ofensiva, os alemães reorganizaram suas forças. O 1º Corpo Pára-Quedista, que anteriormente comandava todo o front de Ânzio, ficou limitado apenas à sua porção ocidental, a partir de um ponto a oeste da rodovia de Albano até o mar junto ao rio Moletta. Ele tinha duas divisões sob seu comando, a 4ª Pára-Quedista a oeste e a 65ª de Infantaria no leste. O 76º Corpo Panzer foi transferido do sul (onde ele antes controlava o setor diante do 8º Exército britânico) para o 14º Exército e assumiu o restante da frente de Ânzio. A reorganização foi efetivada a 04/02/44 e o 76º Corpo tinha agora sob suas ordens 5 divisões. Eram elas, de oeste para leste: 3ª Panzergrenadier, 715ª de Infantaria, 71ª de Infantaria e a Divisão Panzer Hermann Goering, além da 26ª Divisão Panzer, a maior parte da qual estava em reserva. Na prática, os ataques alemães foram efetuados por grupos de batalha, formados com tropas de várias unidades. O mais importante desses grupos foi o Kampfgruppe Graeser, comandado pelo Major-General Fritz H. Graeser, que foi a ponta-de-lança do ataque contra o centro da linha aliada.

A ofensiva alemã contra a cabeça-de-praia de Ânzio tinha três fases: primeiro, um típico ataque de pinças contra o profundo saliente britânico na rodovia de Albano, seguido pela captura da área da fábrica (de 3 a 10 de fevereiro); segundo, um ataque maior para romper a linha aliada ao longo

da rodovia de Albano, visando atingir o mar (de 16 a 20 de fevereiro); e terceiro, um ataque na frente de Cisterna, visando desbaratar as defesas aliadas diante do Canal Mussolini (de 28 de fevereiro a 2 de março).

Alexander visitou a cabeça-de-praia a 01/02/44. Lucas fez questão de mostrar-lhe a situação do 6º Corpo, imprensado entre o mar e uma crescente concentração de unidades inimigas. Contudo, ele demonstrou algum otimismo quanto à logística e declarou que poderia receber mais duas divisões. Alexander apenas sorriu. No dia seguinte, ele saberia a razão: recebeu ordens bem claras para passar para a defensiva. Os QGs do 15º Grupo-de-Exércitos e do 5º Exército estavam bem cientes do que estava por vir.

### A 1ª Fase da Ofensiva Alemã:

Na noite de 03-04/02/44, os alemães começaram seu grande esforço para erradicar a cabeça-de-praia de Ânzio. Eles lançaram um ataque de duas pontas, de oeste e de leste, contra o saliente aliado na rodovia de Albano, de Carroceto a Campoleone. Esse era o primeiro passo para a captura da área da fábrica, que dominava a rede de estradas que levava a Ânzio e Nettuno; esta seria a área de lançamento do principal assalto alemão na 2ª fase.

O estreito saliente criado pelo ataque anglo-americano de janeiro era de aproximadamente 4,5 quilômetros de profundidade por 2 de largura. Se os alemães conseguissem cercar e destruir as unidades britânicas que mantinham esse saliente, eles teriam conseguido eliminar uma considerável porção das forças aliadas na cabeça-de-praia e, ao mesmo tempo, abrir caminho para os ataques subseqüentes através da rodovia de Albano.

Essa frente de aproximadamente 15 quilômetros, longa e vulnerável, era defendida pela 1ª DI britânica, do General Penney. A divisão teve pouco tempo para se preparar para o ataque que viria. A extremidade do saliente logo ao sul da ferrovia em Campoleone era mantida pela 3ª Brigada de Infantaria<sup>3</sup>. No flanco esquerdo do saliente e escalonado a sudoeste estava a 24ª Brigada de Guardas<sup>4</sup>, com o 2º North Staffordshire anexado a ela. À esquerda da brigada, estava o 157º RI americano, parte da 45ª DI, defendendo a linha do rio Moletta no flanco esquerdo da cabeça-de-praia. No flanco direito do saliente, e escalonado a sudeste, estava a 2ª Brigada<sup>5</sup> de Infantaria (menos o 2º North Staffordshire), reforçada no

<sup>3</sup> Seus batalhões eram: 1º DOW (Duke of Wellington), 2º SF (Sherwood Foresters) e 1º KSLI (King's Shropshire Light Infantry).

<sup>4</sup> Seus batalhões eram: 1º Irish Guards, 1º Scots Guards e 5º Grenadier Guards.

<sup>5</sup> Seus batalhões eram: 2º North Staffordshire, 6º Gordon Highlanders e 1º Loyal North Lancs.

centro por elementos do 1º Regimento de Reconhecimento. Ela estava em contato à sua direita com o 509º Batalhão Pára-Quedista americano perto da vila de Carano.

No final da tarde de 03/02/44, os alemães lançaram uma concentração de artilharia contra as posições do 1º DOW, a sudoeste da ferrovia, seguido de um pequeno ataque de infantaria. Isto se revelou apenas uma ação diversionista. O fogo da artilharia aliada desbaratou o ataque e ao escurecer as pequenas penetrações alemãs haviam sido eliminadas. Então, pouco antes da meia-noite, a artilharia alemã abriu fogo novamente, dessa vez se concentrando próximo à base do saliente. Às 23:00 h, o 1º Irish Guards, a oeste da rodovia, informou que tropas inimigas haviam se infiltrado entre as suas posições e as do 1º Scots Guards à sua esquerda. Às 23:30 h, o 6º Gordons, no lado leste do saliente, também estava sob ataque. Os alemães também estavam golpeando o 1º KSLI e o 1º DOW na ponta do saliente. Na confusão do combate noturno, era muito difícil avaliar o poderio dos ataques, mas, ao amanhecer, as intenções alemãs estavam bem claras. Ao lançar profundos ataques em ambos os lados do saliente, perto de sua base, era óbvio que eles pretendiam cercar e destruir toda a 3ª Brigada.

Na aurora de 04/02/44, o ataque do oeste parecia o mais ameaçador. Um batalhão da 65ª DI alemã, apoiado por tanques e canhões autopropulsados, rompeu através do flanco esquerdo do 1º Irish Guards para atingir a ferrovia Campoleone-Nettuno. Contudo, mais tarde tornou-se evidente que a principal ameaça vinha do flanco leste do saliente. Ali, o Kampfgruppe Graeser, cuja ponta-de-lança era o 104º Regimento Panzergrenadier, reforçado por três batalhões de infantaria, dois de artilharia, duas companhias de engenharia de combate e blindados, incluindo tanques Pantera, avançou ao longo de uma poeirenta estrada, esmagou uma Companhia do 6º Gordons e se estabeleceu em uma pequena elevação logo a leste da rodovia de Albano. Em pouco tempo, os alemães reforçaram a posição e avançaram para completar o cerco do saliente.

Naquela manhã, as coisas estavam ficando cada vez piores para os aliados. Alguns Shermans do 46º RTR, contra-atacando em apoio do 1º Irish Guards, foram rechaçados pelos tanques e canhões anti-tanques alemães que estavam cobrindo a rodovia de Albano. O 1º Irish Guards acabou recuando para sudeste, assumindo então uma posição defensiva circular. Isolada pela penetração inimiga, a 3ª Brigada estava sob forte e constante pressão alemã. O combate sob um céu encoberto e com chuva fina significava que não se podia contar com o apoio aéreo. Ao entardecer, a situação era crítica.

Durante a tarde de 04/02/44, a força dos ataques alemães gradualmente enfraqueceu-se contra a



decidida resistência da 24ª Brigada de Guardas e do 6º Gordons. Pelas 15:00 h, o 1º Irish Guards estava abrindo caminho à força para sair da armadilha, o 6º Gordons continuava a manter o terreno ao sul da linha da crista e o 1º KSLI interceptou com sucesso uma coluna alemã que estava escoltando 100 prisioneiros britânicos. Os alemães haviam sofrido baixas pesadas pela precisa artilharia e pelos *Tank Destroyers*. Só a Companhia "C" do 894º Batalhão de *Tank Destroyers* destruiu 4 tanques e um canhão anti-tanque. Às 16:00 h, o 1º London Scottish (168ª Brigada), apoiado por tanques do 46º RTR, lançou um contra-ataque. Sofrendo pesadas baixas, o inimigo foi forçado a retroceder e, pelas 17:00 h, a brecha entre o 6º Gordons e a 3ª Brigada havia sido fechada.

Embora o ataque inicial alemão tivesse sido detido a duras penas, o General Lucas considerou que as unidades avançadas da 1ª Divisão estavam perigosamente expostas e ordenou a retirada delas para uma linha mais defensável. O 1º KSLI e o 2º SF conseguiram realizar a manobra com poucas baixas, mas o 1º DOW, que estava sob fogo inimigo, foi incapaz de desengajar antes do escurecer e, mesmo assim, uma de suas companhias foi cercada e o restante do batalhão teve que deixar para trás a maioria do seu equipamento pesado, incluindo os canhões anti-tanques. A divisão sofreu cerca de 1.400 baixas apenas nesse dia, das quais os alemães alegaram a captura de mais de 900 prisioneiros.

Durante a noite de 04-05/02/44, a 1ª DI continuou a recuar as unidades avançadas até uma linha à cerca de 1 quilômetro ao norte de Carroceto e da fábrica. A descansada 168ª Brigada foi levada para a frente para assumir o centro da divisão e a 3ª Brigada foi retirada para a reserva. Embora esse movimento representasse a perda de cerca de 3 quilômetros de terreno conquistado por alto preço, a nova linha era consideravelmente mais curta e defensável. E a principal ofensiva alemã ainda estava por vir.

O objetivo alemão de eliminar o saliente de Campoleone havia sido atingido, o que encerrava a primeira fase da sua ofensiva, embora o planejado cerco e destruição das forças aliadas ali fosse frustrado. As baixas alemãs também haviam sido pesadas (quase 500 mortos e mais de 300 prisioneiros), particularmente no 104º Regimento Panzergrenadier.

O General Clark inspecionou a cabeça-de-praia no dia 06/02/44. Ele encontrou a situação tranqüila e sob controle. Contudo, havia alguns problemas precisando de solução: a 1ª DI havia perdido um grande número de canhões anti-tanques e, além disso, ela e a 3ª DI americana estavam necessitando urgentemente de recompletamentos. Só a divisão americana tinha um déficit de 2.400 homens. Embora fosse despendido um grande

esforço para manter as unidades do 6º Corpo com seus efetivos nominais, o problema permaneceu crônico durante todo o mês de fevereiro. Além disso, a assimilação de grande número de soldados novos, sem experiência de combate, por unidades restritas a uma cabeça-de-praia, permanentemente em linha e sob constante ataque, apresentava dificuldades muito sérias. Apesar do 6º Corpo ter então assumido uma postura totalmente defensiva, o General Clark convenceu-se de que era necessário reforçá-lo para garantir a sua segurança.

Encerrada a 1ª fase da ofensiva, os alemães não realizaram nenhum grande esforço durante três dias, embora mantivesse a cabeça-de-praia sob constante e indiscriminado bombardeio.

Na noite de 05/02/44, eles realizaram um ataque preparatório contra a 3ª DI americana, que então estava em processo de reorganização de suas unidades e preparação de suas linhas defensivas. Após um curto e intenso bombardeio, os alemães atacaram numa frente de 4 quilômetros. Seus tanques dispararam à queima-roupa contra as posições do 2º Batalhão do 7º RI, ao norte de Ponta Rotto. Logo depois, foguetes luminosos assinalaram o início do assalto pela infantaria. Às 21:25 h, o 2º Batalhão informou que não poderia mais manter as suas posições. Ele recuou sob pressão e uma de suas companhias entrou em colapso. O 3º Batalhão também se viu forçado a recuar. Duas companhias do 30º RI, percebendo que seu flanco direito havia desaparecido, recuou mais de 2 quilômetros. O resultado disso foi uma brecha que teve que ser fechada com um contra-ataque realizado por uma companhia do 30º RI, apoiada por blindados. O 3º Batalhão do 7º RI também contra-atacou e recuperou as suas posições originais por volta das 4:30 h. O 2º Batalhão do 7º RI teve que ser retirado de linha para se reorganizar. Pela manhã, a linha avançada original havia sido quase toda restaurada, exceto em Ponta Rotto.



Panzer IVH no front italiano, 1944. Embora o seu projeto já estivesse ultrapassado em 1944, o Panzer IV foi produzido até o fim da guerra, chegando à versão "J", com canhão L/48 de 75 mm.



Apesar desse estrago todo, o ataque havia sido realizado por não mais que um batalhão reforçado e com apoio de tanques. O uso de foguetes luminosos e de grande quantidade de submetralhadoras deu a impressão de um ataque muito maior. Duas horas após o início do ataque, os alemães já haviam se retirado e seu único ganho foi ter causado baixas pesadas nos americanos.

E os alemães estavam decididos a fazer da cabeça-de-praia uma amostra grátis do inferno para os seus ocupantes. Durante as duas primeiras semanas de fevereiro, eles trouxeram mais peças de artilharia pesada, chegando a concentrar 372 bocas de fogo, das quais 152 de calibres acima de 105 mm, incluindo canhões de 210 e 240 mm. Com observadores postados nas alturas dos Montes Lepini e de uma torre de água em Littoria, os alemães podiam literalmente bombardear à vontade qualquer ponto do perímetro da cabeça-de-praia. E, embora a precisão dos canhões de grande calibre não fosse particularmente notável, a área estava tão abarrotada que grandes perdas de material e pessoal eram inevitáveis.

Em 05/02/44, a pista de pouso de Nettuno foi pesadamente bombardeada, resultando na destruição de 5 Spitfires. Com isso, a pista passou a ser usada somente durante o dia e, à noite, os aviões voavam de volta para as suas bases perto de Nápoles.

Tudo isso levou o comando aliado a tomar uma atitude. Como a maioria dos canhões alemães estava fora do alcance dos canhões americanos de 155 mm, a marinha foi requisitada. Durante alguns dias, o cruzador USS Brooklyn e três destróieres bombardearam posições de canhões alemães dirigidos por aviões P-51 do 111º Esquadrão de Reconhecimento. Para prejudicar a observação alemã no flanco leste, aviões P-40 e A-36 bombardearam a torre de água de Littoria em 07/02/44. No dia seguinte, canhões ferroviários a oeste de Albano foram bombardeados.

### A 2ª Fase da Ofensiva Alemã:

Na noite de 06/02/44, todas as unidades na linha de frente receberam um alerta sobre a possibilidade de um ataque na manhã seguinte. A inteligência aliada tinha informações de que o ataque se daria pelas 4:00 h contra o setor da 3ª DI americana. O General Clark providenciou um forte apoio aéreo para a ocasião, incluindo bombardeiros pesados que atacariam Cisterna e Velletri. Mas a ofensiva alemã começou antes da hora prevista e em outro local. Pouco antes da meia-noite, uma violenta concentração de artilharia atingiu as posições do 2º Batalhão do 157º RI, ao longo da linha do rio Moletta. À meia-noite, um grupo de batalha alemão de tamanho companhia atacou, apenas para ser rechaçado com pesadas baixas. Não houve mais nenhuma ação nessa

noite.

No entanto, os indícios de que algo estava sendo preparado continuaram a surgir ao longo do dia. Houve aumento de ação de artilharia na frente da 1ª DI, a área da fábrica foi bombardeada e metralhada por aviões alemães e foram arrebanhados prisioneiros alemães que declararam haver desertado para não participar do próximo ataque.

A captura da área da fábrica era, para os alemães, o mais lógico passo a seguir. Embora agora estivesse reduzida a ruínas, ela se localizava num terreno ligeiramente elevado e era um ponto forte que dominava toda a região em volta. A aldeia de Carroceto, localizada a cerca de 500 metros a sudoeste da fábrica e logo ao norte do viaduto da rodovia de Albano e da ferrovia paralela a ela, era um objetivo igualmente importante. A posse da fábrica e de Carroceto dariam aos alemães uma forte posição defensiva, além de áreas de onde poderiam lançar outros ataques. Como o terreno ficava constantemente encharcado na região, o emprego de veículos pesados fora das estradas era virtualmente impossível, o que canalizava qualquer grande ataque pelas estradas. Portanto, o controle das redes de estradas era um fator crítico. Uma vez que os alemães conquistassem a fábrica e Carroceto, eles estariam em condições de atacar em diferentes pontos da última linha de defesa da cabeça-de-praia.

Para proteger a área da fábrica, a 1ª DI tinha três brigadas em linha. A oeste da rodovia de Albano, a 24ª Brigada de Guardas mantinha a crista de Buonriposo com o 2º North Staffs, o 5º Grenadier Guards e o 1º Scots Guards. O centro era mantido pela 168ª Brigada com o 3º Batalhão do 504º Regimento Pára-quedista americano distribuído pela rodovia de Albano e o 1º London Irish Rifles e o 10º Royal Berkshire Regiment, ao longo da estrada lateral que levava para leste a partir da fábrica. A 2ª Brigada mantinha o flanco direito com um esquadrão do 1º Regimento de Reconhecimento e o 1º Loyals. A reserva divisional consistia da recuperada 3ª Brigada. Após as baixas sustentadas durante a luta por Campoleone, a 1ª DI estava consideravelmente desfalcada e seus homens estavam combatendo quase que ininterruptamente, suportando a chuva, a lama e o frio, desde o desembarque.

A Luftwaffe estava particularmente ativa sobre a cabeça-de-praia. De dia e de noite, aviões alemães bombardeavam e metralhavam praias, docas, depósitos e concentrações de tropas, usando grande quantidade de bombas anti-pessoal.

No dia 07/02/44, aviões Fw 190 e Me 109 (do *Schlachtgeschwader*<sup>6</sup> 4) bombardearam Ânzio e Nettuno. As bombas caíram próximo ao QG do 6º Corpo, explodindo três caminhões de munição, danificando um LCI e um LCT, destruindo cons-

<sup>6</sup> Grupo de Ataque ao Solo.

truções e causando sérias baixas. Um avião alemão, atacado por um Spitfire, liberou sua carga de bombas num esforço para escapar. As bombas caíram sobre o 95º Hospital de Evacuação, matando a Enfermeira-Chefe, 1ª Tenente Blanche F. Sigman, e duas outras enfermeiras. Um padoleiro que estava transportando um soldado ferido corajosamente usou o seu próprio corpo como escudo para protegê-lo e foi morto. Ao todo, 28 pessoas morreram e 64 ficaram feridas, entre pessoal médico e pacientes.

Lamentavelmente, essa não foi a única vez em que o hospital foi atacado e os soldados apelidaram-no de "Hell's Half Acre" (Meio Acre do Inferno). Contudo, nunca ficou esclarecido se os alemães deliberadamente bombardeavam instalações médicas, com exceção do afundamento do navio-hospital HMS David, em 24/01/44. Enfim, estando numa área tão restrita, aberta e abarrotada, era impossível manter qualquer lugar realmente livre de ataques. Não havia nenhum lugar seguro na cabeça-de-praia.

Para a 2ª fase da ofensiva, haveria um ataque simultâneo pela 65ª DI do oeste e pelo Kampfgruppe Graeser do leste, a se efetuar na noite de 07/02/44. Os atacantes convergiriam sobre Carroceto e a fábrica.

O ataque começou às 21:00 h de 07/02/44 com pesadas concentrações de artilharia em ambos os flancos da frente da 1ª DI. O esforço principal caiu sobre o 2º North Staffs. Infiltrando-se rapidamente em pequenos grupos, o 145º RI da 65ª DI atravessou o rio Moletta e abriu caminho à força para leste, na direção da rodovia de Albano. Antes da meia-noite, o ataque atingia todo o front da 24ª Brigada de Guardas. Com a vantagem da escuridão e do terreno acidentado, a 65ª DI penetrou profundamente as posições britânicas. O combate ao longo da crista de Buonriposo evoluiu para uma série de confusas escaramuças e ferozes combates corpo-a-corpo. No final, as posições do 2º North Staffs foram isoladas e o batalhão foi esmagado. Nas primeiras horas da manhã, o 3º Batalhão do 157º RI, que estava à sua esquerda, descobriu tanques inimigos operando na sua retaguarda. Às 4:00 h, 70 sobreviventes do 2º North Staffs apareceram e pediram permissão para serem anexados ao batalhão americano. Para proteger seu flanco direito, o 3º Batalhão recebeu ordem de recuar para uma linha ao sul da crista e uma Companhia do 179º RI foi enviada para apoiá-lo. Por volta de 1:30 h, a companhia de reserva do 5º Grenadier Guards, a sudoeste de Carroceto, estava sob pressão de unidades alemãs atacando a nordeste, ao longo da crista de Buonriposo, a partir das antigas posições do 2º North Staffs, e as companhias de vanguarda do 5º Grenadier Guards e do 1º Scots Guards estavam sob constante pressão vinda do norte e oeste.

Pequenos grupos de alemães penetraram até a rodovia principal antes de serem eliminados. O combate continuou por toda a manhã. Tendo conquistado o seu primeiro objetivo – capturar a crista de Buonriposo – a 65ª DI tentou continuar o avanço na direção de Carroceto e da fábrica.

O ataque do Kampfgruppe Graeser no flanco direito britânico progrediu mais lentamente. Logo após as 22:00 h de 07/02/44, duas companhias alemãs atacaram o Esquadrão "C" do 1º Regimento de Reconhecimento e o flanco direito do 10º Royal Berks perto da encruzilhada onde a estrada lateral da fábrica se encontra com a estrada de Carano. Uma hora depois, essa força retirou-se sob a cobertura de uma barragem de morteiros. Pela meia-noite, ambas as companhias de vanguarda do 1º London Irish estavam sob ataque e um pelotão foi eliminado. Esse ataque havia sido lançado pelo 29º Regimento Panzergrenadier (3ª Divisão Panzergrenadier) seguindo as mesmas táticas de infiltração que haviam sido tão bem sucedidas no flanco oeste. Pequenos grupos armados com submetralhadoras e metralhadoras leves se infiltraram além das linhas britânicas, cortaram comunicações e organizaram pequenos bolsões de resistência. Porém, o 29º Regimento Panzergrenadier teve somente limitado sucesso com essas táticas. O regimento havia avançado tão lentamente que todo o 725º RI (715ª DI) teve que ser engajado. Esse ataque também não fez mais que obter alguns modestos ganhos. Um grupo conseguiu atingir os fundos da fábrica, onde três veículos do 894º Batalhão de *Tank Destroyer* estavam estacionados. Os americanos metralharam e bombardearam a construção que os alemães ocuparam até matar 40 deles e forçar os sobreviventes, cerca de 30, a se renderem. Outros grupos foram detidos na estrada lateral. Uma Companhia do 1º London Scottish foi enviada para fechar a brecha entre 1º London Irish e o 10º Royal Berks e um contra-ataque local, apoiado por três tanques, repeliu os alemães que haviam capturado a ponte na estrada lateral logo a leste da fábrica. O único êxito importante obtido pelo Kampfgruppe Graeser se deu no flanco direito, perto da encruzilhada. Atacando na aurora de 08/02/44, um batalhão do 104º Regimento Panzergrenadier varreu o Esquadrão "C" do 1º Regimento de Reconhecimento e um pelotão do 6º Gordons. Os alemães então se entrencharam com duas companhias em cada lado da estrada entre as posições dos Royal Berks e do 1º Loyals. Empregando pequenos grupos de tanques em apoio da infantaria, os alemães mantiveram a pressão sobre a 168ª Brigada por todo o dia, sem, contudo, conseguir controlar a importante estrada lateral.

O General Penney decidiu que tinha que lidar primeiro com a situação no flanco esquerdo. O 3º Batalhão do 504º Regimento Pára-quedista rece-

beu ordens de se mover para o sul de Carroceto, onde ele poderia ser empregado num contra-ataque em apoio à 24ª Brigada de Guardas. Às 14:00 h, Penney engajou a sua reserva divisional, a 3ª Brigada, para recuperar as posições do 2º North Staffs ao longo da crista de Buonriposo. A 3ª Brigada empregou dois batalhões, o 2º SF e o 1º KSLI, atacando com o apoio de um esquadrão de tanques do 46º RTR e um pelotão do 894º Batalhão de *Tank Destroyers*. O 2º SF fez um bom progresso em limpar a parte baixa da crista, mas o 1º KSLI foi detido na parte mais alta por nutrido fogo de metralhadoras. Os alemães haviam se organizado bem no terreno e ambos os batalhões sofreram pesadas baixas. Enquanto isso, o 3º Batalhão do 504º Regimento Pára-quedista moveu-se para posições ao sul de Carroceto. Uma de suas companhias foi engajada nessa noite para ajudar o 5º Grenadier Guards, a oeste do viaduto. Apesar do contra-ataque ter servido apenas para retomar uma pequena porção do terreno perdido, ele contribuiu para aliviar a pressão sobre a 24ª Brigada de Guardas.

Os alemães passaram o restante da tarde consolidando as suas conquistas, enquanto a 1ª DI britânica reorganizava as suas forças. Após o contra-ataque lançado pela 3ª Brigada, o 1º KSLI e o 2º SF foram deixados em linha para reforçar o flanco esquerdo. À direita, o 6º Gordons moveu-se da reserva da 2ª Brigada para fechar a brecha entre o 10º Royal Berks e o 1º Loyals. Para reforçar o 6º Gordons, que estava reduzido a duas companhias, a 238ª Companhia da Real Engenharia e uma companhia formada com homens do 3º Grupo de Praia foram anexados a ele. Ao fim desse dia, restavam somente 17 oficiais e 364 homens do 2º North Staffs. A 1ª DI havia sido seriamente enfraquecida, mas ela foi bem-sucedida em deter o assalto alemão.

As ações no restante do front do 6º Corpo limitaram-se a confrontos de frações de tropa e ao patrulhamento. Na noite de 07-08/02/44, uma companhia do 15º RI atacou para o norte pela estrada paralela ao riacho Femminamorta, com o objetivo de capturar a fazenda a leste de Ponta Rotto. Enquanto isso, uma companhia do 30º RI atacou do oeste para assegurar a encruzilhada próxima à ponte de Ponta Rotto. Ambos os ataques tiveram resultados limitados. Às 21:00 h, tanques e infantaria alemães atacaram pela estrada de Cisterna na direção de Isola Bella. O fogo dos tanques destruiu algumas das construções em que os americanos haviam organizado suas posições. Após perder algum terreno, os americanos lutaram para recuperá-lo antes do amanhecer. Outro ataque alemão, apoiado por tanques, atingiu o 30º RI, mas foi rechaçado.

A 08/02/44, enquanto o combate se desenrolava na frente da 1ª DI, um ataque visou à aldeia de Carano, na frente da 3ª DI. O ataque foi rechaçado-

do e o 509º Batalhão Pára-quedista capturou 10 prisioneiros, a maioria da 114ª Divisão Ligeira.

Ainda durante esse dia, a artilharia do 6º Corpo, mais os canhões da 1ª DI, executaram um programa coordenado de contra-bateria sobre todas as posições conhecidas dos canhões alemães no flanco oeste da cabeça-de-praia. Atendendo a pedidos urgentes, a Marinha veio em socorro do Exército e os cruzadores HMS Orion, HMS Phoebe e USS Brooklyn acrescentaram o peso dos seus canhões à defesa da cabeça-de-praia. Bombardeiros de mergulho também apoiaram as tropas de terra, bombardeando, lançando fumaça e metralhando tropas inimigas, enquanto 48 bombardeiros B-25 bombardeavam Cisterna.

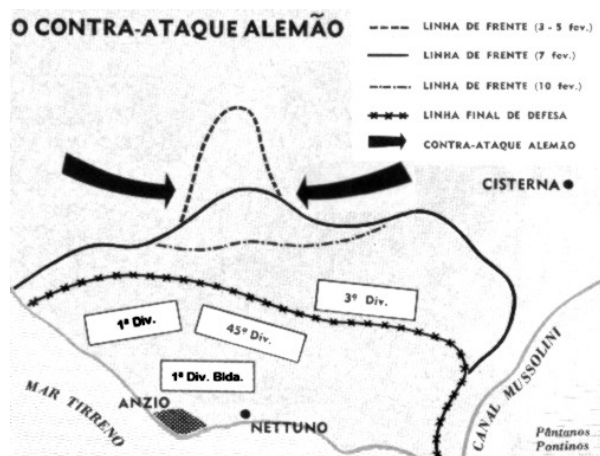
A atividade no flanco direito da cabeça-de-praia ficou por conta da 1ª Força de Serviços Especiais (que os alemães apelidaram de “Brigada do Diabo”), do General Robert T. Frederick. Na noite de 02-03/02/44, ela lançou uma patrulha agressiva que fez os alemães recuarem cerca de 1.300 metros, deixando um grande espaço na “terra-de-ninguém” entre os dois exércitos. Na noite seguinte, ela voltou a realizar patrulhas agressivas, não deixando os alemães descansarem. Embora o flanco direito da cabeça-de-praia, com seu terreno fofo e numerosos canais de drenagem, fosse totalmente desfavorável para um ataque sério, a 1ª Força de Serviços Especiais nunca permitiu que ele fosse realmente um setor “tranquilo”. Durante a noite de 08-09/02/44, uma companhia realizou uma incursão na aldeia de Sessano. A guarnição alemã de cerca de 50 homens foi quase aniquilada, restando apenas 7 prisioneiros. Após manter a posse da aldeia por 3 horas, a força retirou-se, enquanto a artilharia americana atingia em cheio uma força alemã que estava se preparando para retomar a aldeia, matando mais 20 alemães. A audaciosa ação custou 15 baixas aos americanos.

Seguindo os mesmos padrões de ataque que haviam empregado na véspera, os alemães renovaram seus ataques para tomar a área da fábrica durante o início da manhã de 09/02/44.

Logo após a meia-noite e depois de uma pesada preparação com morteiros e artilharia, tropas alemãs começaram a se infiltrar em vários pontos ao longo da frente da 1ª DI. No flanco ocidental, onde o 5º Grenadier Guards e o 1º Scots Guards protegiam Carroceto, elementos da 65ª DI forçaram o 5º Grenadier Guards a recuar para a estação ferroviária e o viaduto, onde eles resistiram. Ao mesmo tempo, os alemães postados na crista de Buonriposo avançaram para o sul contra o 1º KSLI e o 2º SF, expulsando-os de suas posições recém-conquistadas.

O ataque principal foi lançado pelo Kampfgruppe Graeser contra a 168ª Brigada, que cobria a fábrica e a estrada lateral para o leste. Para o ataque, os alemães lançaram a sua última reserva, o

735º RI (715ª DI), para reforçar o 725º RI e os 29º e 104º Regimentos Panzergrenadier, que haviam sido engajados no dia anterior. Durante a noite, grupos de alemães penetraram em vários pontos ao longo da estrada lateral e na área da fábrica. Ao amanhecer, a força principal, apoiada por tanques, atacou. O combate generalizou-se ao longo de todo o front da 168ª Brigada. A leste da fábrica, entre o 1º London Irish e o 10º Royal Berks, elementos do 29º Regimento Panzergrenadier avançaram para o sul cerca de 1.800 metros. Mais para o leste, o 104º Regimento Panzergrenadier destruiu a companhia do flanco direito do 10º Royal Berks, abrindo caminho para que os tanques e canhões de assalto alemães pudessem usar a estrada lateral. Explorando essa penetração, o 735º RI abriu caminho e, pelo início da tarde, os alemães controlavam a estrada lateral e a fábrica. Eles não perderam tempo em trazer canhões anti-tanques e consolidar seus ganhos. À esquerda, um contra-ataque realizado pelo 3º Batalhão do 504º Regimento Páraquedista ajudou o 5º Grenadier Guards e o 1º Scots Guards a manterem firmemente suas posições diante de Carroceto.



Mapa esquemático mostrando a evolução da ofensiva alemã.

A 1ª DB americana enviou duas companhias de tanques médios e duas de tanques leves para ajudar os pressionados ingleses. Às 9:00 h, o Major-General Ernest N. Harmon, comandante da 1ª DB, ordenou ao 1º Batalhão do 1º Regimento Blindado que atacasse a crista de Buonriposo com tanques leves. A Companhia "A", sob fogo de artilharia e de canhões anti-tanques, fez pouco progresso e, pelo fim da manhã, ela estava somente a 1,5 quilômetro ao norte do viaduto. Apesar disso, destruíram um Panzer IV e ajudaram a rechaçar um forte ataque alemão. Ao entardecer, a Companhia "B" recebeu ordens de atacar o lado sul da crista. Ela deu de cara com um campo minado, perdendo dois de seus tanques e tendo seu comandante ferido. A companhia então tentou passar em volta do campo, mas, tão logo os

tanques deixavam a estrada, eles atolavam na lama profunda e mais cinco tanques foram perdidos. A companhia acabou se retirando.

Ao entardecer, o 3º Batalhão do 1º Regimento Blindado enviou uma companhia de tanques médios pela rodovia de Albano até a fábrica e uma outra companhia à direita dela. Os tanques seguiram pela rodovia até serem detidos por um campo minado. Na área do 5º Grenadier Guards, os Shermans americanos puseram fora de combate um tanque e dois canhões anti-tanques alemães e ajudaram a repelir dois batalhões de infantaria. Ao norte da fábrica, eles destruíram dois Panzer IV antes de se retirar. À direita, a outra companhia seguiu por uma estrada que levava para noroeste a partir de Padiglione. Mas ela prestou ao 1º London Irish pouca ajuda em conter as penetrações inimigas a leste da fábrica.

Ao entardecer de 09/02/44, o combate esmoreceu. Ambos os lados haviam sofrido pesadas baixas e estavam próximos do ponto de exaustão. Os alemães tiveram a oportunidade de consolidar as suas posições, enquanto a 1ª DI se reorganizava de novo. Para substituir algumas das esgotadas unidades britânicas, o 180º RI assumiu as posições da 2ª Brigada, que então passou para a reserva da divisão. Isso deixava a 1ª Divisão com três brigadas para manter um front menor. A 168ª Brigada manteria o flanco direito, a leste e sul da fábrica; a 24ª Brigada de Guardas cobriria Carroceto, com o 1º Scots Guards ainda mantendo um estreito saliente na ferrovia ao norte da aldeia; e a 3ª Brigada manteria o setor esquerdo ao longo da ravina ao sul da crista de Buonriposo. As combalidas tropas trabalharam febrilmente durante a noite para preparar as suas posições para os novos ataques que eram esperados para o dia seguinte. O General Brann, Oficial de Operações do 5º Exército, informou que a 1ª DI não tinha mais do que 50% do seu efetivo nominal e apoiou a solicitação do General Lucas para que outra divisão fosse enviada para a cabeça-de-praia até que o corpo principal do 5º Exército pudesse romper a "Linha Gustav" e fazer contato com ela.

A 1ª DI ainda mantinha Carroceto e o viaduto. Tomando vantagem da observação propiciada pelos prédios da fábrica, os alemães dirigiram sua artilharia contra o 1º Scots Guards, o 5º Grenadier Guards e o 3º Batalhão do 504º de Páraquedistas. Logo depois da meia-noite, cerca de 15 tanques alemães emergiram da fábrica e, junto com um batalhão de infantaria, atingiram a linha do 1º Scots Guards. Destruidores de tanques do 894º Batalhão de *Tank Destroyers* e o fogo de artilharia repeliram os blindados e a infantaria recuou. Às 4:30 h de 10/02/44, o 5º Grenadier Guards e os pára-quedistas foram atacados de três lados. Com a ajuda de um esquadrão do 46º RTR, eles conseguiram se manter. Ao norte de Carroceto, a situação do 1º Scots Guards gradu-



almente se deteriorou durante a noite gelada. Todo o contato com as duas companhias de vanguarda foi perdido e o restante do batalhão, correndo o risco de se ver cercado, recuou para dentro do perímetro de defesa do 5º Grenadier Guards. *Tank destroyers*, atuando como retaguarda, cobriram a retirada com suas metralhadoras. Às 5:30 h, o General Penney informou que as suas tropas haviam combatido por toda a noite e que a sua divisão não poderia mais continuar a se manter sem a participação de tropas descansadas para contra-atacar e assumir a maior parte da sua frente.

A artilharia e a Força Aérea faziam o que podiam para ajudar. Às 9:00 h, dois ataques alemães em preparação perto da estação ferroviária de Carroceto foram desbaratados pela concentração de 200 canhões. Ao mesmo tempo, a aviação aliada redobrou os seus esforços, bombardeando áreas de concentração ao longo da rodovia de Albano, de Campoleone a Albano. Desafortunadamente, o céu ficou nublado pelas 9:45 h e tornou-se impossível realizar novos ataques aéreos.

A 65ª DI, atacando do oeste, ocupou a estação de Carroceto durante a manhã de 10/02/44. Um contra-ataque realizado durante o dia, apoiado por tanques, recapturou a estação, mas ela foi perdida novamente durante a noite para o Kampfgruppe Graeser, atacando do leste.

Com a captura da fábrica e de Carroceto, o 14º Exército Alemão havia conseguido ocupar a sua linha de partida para o que deveria ser a arranca-final contra o porto de Ânzio. Porém, a cada dia, os alemães foram forçados a lançar mais e mais de suas reservas até que eles engajaram o equivalente a seis regimentos completos. Suas táticas de infiltração noturna haviam se provado eficientes, mas, durante o dia, quando os aliados podiam observar alvos para a sua artilharia, suas tropas sofriam baixas desproporcionalmente pesadas. O bombardeio aéreo e a artilharia naval também deram importante contribuição em desorganizar os ataques germânicos. Por isso tudo, estes tiveram que fazer uma pausa para consolidar seus ganhos e trazer tropas descansadas para a frente antes de passar para a próxima etapa da ofensiva.

### **Contra-ataques Aliados:**

O duro combate para manter a área da fábrica havia esgotado a 1ª DI britânica. Ela não estava mais em condições de lançar contra-ataques ou mesmo manter as posições para onde ela havia sido expulsa. Na tarde de 10/02/44, estimou-se que o efetivo da 168ª Brigada era de 1/3 do seu efetivo nominal e outras unidades não estavam além de 50%. Para piorar, o tempo nos últimos três dias havia sido frio, com ventos e chuva. Os abrigos, cavados no terreno fofo e molhado, rapi-

damente se enchiam com água. Em poucos dias, as tropas sofriam de “pé-de-trincheira” e outros males. Portanto, não apenas a retomada da área da fábrica era importante para o 6º Corpo, mas também proceder à substituição da 1ª DI. O primeiro passo para isso foi a entrada em linha do 180º RI na noite de 09-10/02/44, substituindo a 2ª Brigada no flanco direito da divisão. Na noite seguinte, o 179º RI substituiu a 168ª Brigada e preparou-se para lançar um contra-ataque na manhã de 11/02/44 para retomar a fábrica.

O engajamento desses dois regimentos da 45ª DI americana resultou no esvaziamento das reservas do 6º Corpo. Para atenuar essa deficiência, o 36º Regimento de Engenharia de Combate assumiu a defesa de uma parte da linha do rio Molletta, liberando 2 batalhões do 157º RI. Embora os engenheiros não tivessem experiência como infantaria e que fossem muito necessários para a construção de defesas e na manutenção das estradas, ao manter uma parte relativamente tranqüila do front eles liberaram tropas de infantaria mais necessárias ainda para reforçar o crítico setor central da cabeça-de-praia. Nas semanas seguintes, eles se mostrariam tão capazes de operar metralhadoras e morteiros quanto operavam tratores e betoneiras.

Os movimentos da 45ª DI deixaram a 1ª DI defendendo menos da metade do seu front original. Com isso, foi possível remover toda a 168ª Brigada para um bivaque na retaguarda para descanso e reorganização. A responsabilidade pelo setor defendido pela divisão passou para a 3ª Brigada, reforçada pelo 3º Batalhão do 504º Regimento Pára-quedista, o 1º Irish Guards e o 1º Regimento de Reconhecimento britânico. A 2ª Brigada foi empenhada em trabalhos de fortificação na linha final de defesa da cabeça-de-praia.

Para o contra-ataque destinado a retomar a fábrica, o Major-General William W. Eagles, comandante da 45ª DI, incumbiu o 1º Batalhão do 179º RI, com duas companhias do 191º Batalhão de Tanques anexadas a ele. Uma companhia de tanques iria avançar através do viaduto em Carroceto para atacar a fábrica do oeste; a outra companhia se moveria pela estrada logo a leste da fábrica para atacá-la do sudeste. A infantaria iria coordenar o seu avanço com o dos tanques. Às 6:30 h de 11/02/44, após uma preparação de artilharia de 15 minutos, os tanques e a infantaria partiram para o assalto. A Companhia “A” do 191º Batalhão de Tanques seguiu pela rodovia de Albano. O primeiro tanque que passou pelo viaduto recebeu um impacto direto; um segundo tanque explodiu 200 metros depois. Às 8:30 h, depois de bombardear o canto sudoeste da fábrica, os tanques da Companhia “A” retiraram-se sob uma cortina de fumaça. A Companhia “A” do 179º RI, atacando atrás do fogo protetor dos tanques, foi detida por metralhadoras localizadas na fábrica e

ao longo da estrada ao sul dela. Os tanques da Companhia "B", apoiando a Companhia "B" do 179º RI, atingiram a encruzilhada à sudeste da fábrica e bombardearam as construções até serem forçados a recuar devido à escassez de munição. Um tanque foi deixado para orientar o fogo do 27º Batalhão de Artilharia Blindada, que estava apoiando o ataque. A Companhia "A" enviou 6 tanques para o viaduto às 10:30 h para continuar o bombardeio, mas eles foram novamente forçados a recuar devido à precisão do fogo anti-tanque inimigo. Apesar disso, quando as tropas americanas se retiraram para se reorganizar ao meio-dia, o fogo dos tanques e da artilharia havia convertido a fortaleza alemã numa massa de ruínas.

Às 13:00 h, os americanos retomaram o ataque. O fogo concentrado sobre a fábrica havia surtido efeito, pois os tanques e canhões autopropulsados alemães foram forçados a se retirar para o leste ao longo da estrada lateral e pelo menos dois Panzer III foram destruídos. Sob a cobertura de fumaça proporcionada pelos tanques e pela artilharia, a Companhia "A" do 179º RI abriu caminho para as construções no canto sudeste. Os alemães reagiram decididamente. Emergindo dos porões onde haviam se abrigado durante o bombardeio, os alemães engalfinharam-se com os atacantes em um feroz combate corpo-a-corpo. Superados em número e espalhados entre as construções, os americanos se viram forçados a recuar. A Companhia "B", atacando do sudeste, também atingiu a fábrica apenas para ser rechaçada às 16:30 h por um contra-ataque alemão. Ao escurecer, a infantaria e os tanques americanos haviam recuado para se reorganizar e reabastecer. A fábrica continuava em mãos alemãs.



Canhão autopropulsado alemão nas ruínas da fábrica. Ao fundo, um Sherman posto fora de combate e um meia-lagarta alemão.

As tropas defensoras pertenciam ao 725º RI e já estavam bastante desfalcadas depois dos combates contra os ingleses. Na luta desse dia contra o

179º RI, suas baixas haviam sido pesadas (uma companhia estava reduzida a 17 homens e os americanos fizeram 33 prisioneiros).

Às 2:00 h de 12/02/44, o 1º Batalhão do 179º RI partiu novamente para o ataque. A Companhia "B" atacou do sul, a Companhia "C" do sudoeste e a Companhia "I" à direita desta. A Companhia "C" do 191º Batalhão de Tanques moveu-se para a encruzilhada a sudoeste da fábrica, mas ela foi detida por um campo minado que os alemães haviam plantado durante a noite. Um tanque foi perdido e os demais apoiaram a infantaria disparando contra a fábrica e dirigindo o fogo da artilharia. Pelas 4:30 h, as Companhias "B" e "C" haviam aberto caminho combatendo até a fábrica. Duas horas depois, os alemães contra-atacaram e novamente forçaram os americanos a recuar. Em dois dias de combate, o 191º Batalhão havia perdido 8 tanques destruídos, além de outros danificados. A Companhia "A" do 179º RI havia sido reduzida a 3 oficiais e 40 soldados. Parecia que seria necessário um esforço maior para retomar a fábrica.

O fracasso na tentativa da 45ª DI para retomar a fábrica marcou o fim da primeira fase da batalha pela cabeça-de-praia. Os alemães haviam conseguido atingir seus objetivos iniciais, ou seja, expurgar o saliente de Campoleone e conquistar a fábrica e Carroceto. A tentativa de cercar a 3ª Brigada, porém, falhou e as batalhas pela fábrica e por Carroceto haviam se revelado extremamente custosas e desgastantes. Enquanto os alemães consolidavam seus ganhos e traziam mais tropas descansadas para repor as suas pesadas perdas, eles estavam perdendo um tempo valioso. Com as tropas descansadas da 45ª DI em linha, o 6º Corpo foi capaz de estabilizar as defesas da cabeça-de-praia e se preparar para a próxima fase. Os alemães haviam ganho o primeiro round, mas não a luta.

### A 3ª Fase da Ofensiva Alemã:

Os alemães retomaram a ofensiva a 16/02/44. A 3ª Divisão Panzergrenadier e a 715ª Divisão de Infantaria atacaram pela rodovia de Albano numa frente de 6 quilômetros. O impacto do assalto caiu sobre a 45ª DI americana, cujos 157º e 179º Regimentos de Infantaria rechaçaram os atacantes, que sofreram pesadas baixas. Houve apenas algumas pequenas infiltrações, que foram devidamente eliminadas pelo 180º RI.

Pouco antes da meia-noite, porém, a obstinação alemã rendeu dividendos: uma brecha foi aberta entre os 179º e 157º Regimentos e os alemães prontamente enfiaram por ela uma grande força, incluindo 60 tanques. Ao amanhecer, os alemães haviam alargado a brecha para cerca de 3 quilômetros no centro do dispositivo da 45ª DI e estavam prontos para romper a linha aliada e amea-

çar de aniquilamento toda a cabeça-de-praia. Diante da situação crítica, o 179º RI realizou uma retirada à tarde sob as vistas do inimigo e sofreu pesadas baixas. Durante a noite de 16-17/02/44, os aliados lançaram tudo o que podiam para fechar a brecha, incluindo canhões AA de 90 mm. Eles apelaram também, mais uma vez, para a artilharia naval. Além disso, o XII Comando Aero-tático realizou 730 surtidas de apoio ao solo. Nesse dia, os aviões aliados lançaram mais bombas em apoio às tropas de terra do que em qualquer outra ocasião anterior.

Os alemães lançaram um novo ataque contra a 45ª DI na aurora de 18/02/44. Eles destruíram um batalhão do 179º RI e obrigaram o restante a recuar para cerca de 700 metros da última linha de defesa definida por Lucas. Temendo que o 179º RI entrasse em colapso, Lucas ordenou que o Coronel William O. Darby, dos Rangers, tomasse o comando da unidade e a fizesse ficar onde estava – não podia haver mais retiradas. O regimento agüentou firme e, ao fim do dia, contou 500 alemães mortos em frente de suas posições. Em outros pontos da frente, os 180º e 157º Regimentos também estavam sendo atacados, mas mantiveram suas posições apesar dos insistentes ataques alemães e das pesadas baixas que estavam sofrendo. Pelo meio-dia, a superioridade aérea e de artilharia dos aliados definiu a batalha. Quando os alemães lançaram um assalto final no final da tarde, ele foi esmagado por maciços ataques aéreos e por barragens de artilharia, morteiros e tanques. Os ataques alemães nos dias 19 e 20 foram claramente mais fracos e foram rechaçados da mesma maneira. A crise havia passado. Embora ainda houvesse alguns ataques locais, os aliados também puderam realizar alguns contra-ataques e recuperar algum terreno perdido.

Os alemães amargaram a perda de 5.389 homens – mortos, feridos e desaparecidos – durante a última fase de sua ofensiva. O moral inimigo foi abalado e algumas unidades ficaram esgotadas. A 65ª DI estava reduzida a 673 combatentes e um regimento da 715ª DI estava reduzido a 185 homens. As perdas aliadas foram de 3.496 homens, além de 1.637 baixas fora de combate.

Ironicamente, a recompensa para o vencedor da batalha foi a sua destituição. No dia 23/02/44, Lucas deixou o comando do 6º Corpo, que passou para as mãos do General Truscott, ex-comandante da 3ª DI.

Os alemães voltaram à carga a 29/02/44, dessa vez contra a 3ª DI americana. O 76º Corpo Panzer, contando com as divisões Panzer 26ª e Hermann Goering, a 114ª Divisão Ligeira e a 362ª Divisão de Infantaria, atacou a linha americana de Carano a Isola Bella. Se conseguissem uma ruptura, ela seria explorada pela 29ª Divisão Panzer-grenadier, que avançaria então para Nettuno e Ânzio. Contudo, os americanos já estavam espe-

rando por isso e reforçaram o setor com unidades de artilharia. Além disso, Truscott ordenou que cada regimento mantivesse um batalhão em reserva para realizar contra-ataques locais e manteve à mão outras reservas.

À meia-noite de 28/02/44, a artilharia alemã deu início ao novo assalto. Mas os americanos revidaram em peso, disparando 20 granadas para cada uma disparada pelos alemães. Quando a infantaria alemã avançou ao romper da aurora, foi detida com pesadas baixas em quase todos os pontos. O único ataque que conseguiu progredir penetrou cerca de 750 metros a nordeste de Carano, mas acabou também detido com pesadas baixas.

Atacando em uma frente tão larga, os alemães não conseguiram obter superioridade em lugar nenhum e, pelo fim do dia, eles mal haviam arranhado a linha americana. Durante os dias seguintes, os americanos, apoiados por artilharia, blindados e apoio aéreo, repeliram todos os subsequentes ataques alemães. Mesmo quando os 7º e 15º Regimentos e o 509º Batalhão Pára-quedista passaram por forte pressão (exercida pelas divisões 715ª e 16ª Panzergrenadier SS) e sofreram pesadas baixas, ainda assim mantiveram suas posições. Os alemães continuaram a buscar uma ruptura, mas os seus ataques se tornaram gradualmente mais fracos, sendo o último deles realizado a 04/03/44. Por fim, Mackensen compreendeu que o seu 14º Exército havia sido consumido numa custosa e inútil ofensiva. Os alemães passaram então para a defensiva.

A última tentativa alemã de destruir a cabeça-de-praia havia lhe custado 3.500 baixas, além de 30 tanques destruídos. Contudo, após seis semanas de combate e bombardeio constantes, as forças aliadas na cabeça-de-praia estavam tão esgotadas quanto seus inimigos.

#### **Pausa:**

Embora o 14º Exército recebesse novos reforços, que elevaram o seu efetivo para 135.698 homens a 15/03/44, a idéia de novas ofensivas foi posta de lado em abril em favor de conservar o poderio das tropas diante da esperada ofensiva de primavera aliada.

O 6º Corpo americano foi totalmente reorganizado nesse período. A 5ª DI britânica foi trazida, enquanto as unidades de Commandos, Rangers, e pára-quedistas foram enviadas para a Inglaterra para se prepararem para o “Dia-D”. A 34ª DI americana foi trazida para a cabeça-de-praia e tomou posição diante de Cisterna, substituindo a esgotada 3ª DI, que havia estado continuamente em linha e sob constante ataque durante 67 dias. O CCB da 1ª DB americana também foi levado para a cabeça-de-praia, fazendo com que o 6º Corpo contasse agora com uma divisão blindada completa. Mais de 14.000 recompletamentos chega-

ram para cobrir os claros nas desfalcadas unidades. Com isso, o 6º Corpo tinha agora um efetivo de 90.000 combatentes em 6 divisões.

Durante esse período de três meses, houve uma espécie de pausa. As únicas ações foram alguns ataques locais para melhorar posições defensivas e algumas incursões. A grande maioria das baixas se devia ao fogo de artilharia, incluindo as causadas pelas enormes granadas de 280 mm disparadas pelo "Ânzio Annie," um canhão ferroviário alemão que disparava de um túnel ferroviário nos Montes Albanos.



Um dos dois canhões ferroviários alemães K5(E) de 280 mm que infernizaram a vida dos aliados na cabeça-de-praia. Esses canhões foram batizados "Robert" e "Leopold" pelos alemães, mas os aliados os chamavam de "Anzio Annie". A 07/06/44, a 34ª DI americana capturou ambos e o "Leopold" foi levado para os EUA, onde hoje se encontra no Museu do Campo de Provas de Aberdeen, em Maryland.

### A Nova Ofensiva Aliada:

Na noite de 11-12/05/44, os 5º e 8º Exércitos lançaram a tão esperada Ofensiva de Primavera contra a "Linha Gustav", que recebeu o nome-código de "Operação Buffalo". Mais uma vez, grandes concentrações de tropas, artilharia e apoio aéreo foram despejadas contra ela e, mais uma vez, os alemães estavam resistindo. Contudo, os franceses realizaram um feito extraordinário ao abrir uma brecha ao sul do vale do Liri e penetrar profundamente nas defesas alemãs. Na área do Monte Cassino, os britânicos conseguiram penetrar também e tornaram a posição dos pára-quedistas alemães no monte insustentável. Ainda assim, eles rechaçaram os poloneses quando eles tentaram tomá-lo. Por 15/05/44, o 2º Corpo americano, o Corpo Expedicionário Francês e o 13º Corpo britânico haviam rompido a "Linha Gustav" e começavam a se despejar pelo vale do Liri. Os alemães foram forçados a se retirar, embora mantivessem fortes ações de retaguarda. O 2º Corpo americano avançou pela costa, atingiu Terracina, que caiu a 24/05/44, e prosseguiu na direção da cabeça-de-praia, contra

uma resistência alemã que desmoronava.

Estava chegando a hora do 6º Corpo tomar parte na ofensiva. Ele iria romper a linha alemã na área de Cisterna e capturar Cori e Velletri, para então atingir Valmontone. Com isso, seriam cortadas as Rodovias Nº 6 e 7, bloqueando assim as principais linhas de retirada do 10º Exército alemão, então recuando da destroçada "Linha Gustav". Embora essa idéia fosse bastante lógica e até exequível, não era uma unanimidade. O General Alexander havia advogado essa manobra e instruído Clark para executá-la. Porém, Clark tinha outros planos. Ressentido por ter perdido a frente do vale do Liri para o 8º Exército britânico e desejoso de trazer glórias para ele e seu 5º Exército, Clark pôs de lado toda a lógica militar e ordenou a Truscott que se preparasse para atacar direto na direção da capital italiana. Ele queria ser o "Conquistador de Roma".

De fato, o 6º Corpo havia preparado quatro planos de ataque, sendo um deles o ataque para Roma. No entanto, tal ataque só deveria se realizar se a resistência diante de Valmontone se revelasse forte demais ou se o avanço do 8º Exército pelo vale do Liri fosse muito lento.

Porém, para atender às ordens de Alexander, foi levado a efeito o ataque na direção de Cisterna. A 1ª DB americana atacaria, apoiada pela 3ª DI e pela 1ª Força de Serviços Especiais. A 45ª DI avançaria para além de Carano à esquerda até atingir a ferrovia Campoleone-Cisterna, enquanto a 36ª DI exploraria a esperada ruptura.



Sherman M4A1 do 13º Regimento Blindado, 1ª Divisão Blindada, próximo a Ânzio, a 27/04/44. Este veículo ainda é dos primeiros modelos do M4A1, com mantelete M34 e "bogies" iguais ao do M3 "Lee". Uma peculiaridade do front italiano é que os poucos combates entre blindados fizeram com que versões mais antigas do Sherman permanecessem em serviço até o fim da guerra.

Às 5:45 h de 23/05/44, uma barragem de artilharia de 45 minutos abriu o ataque do 6º Corpo



contra Cisterna. Em seguida, todo o front, de Carano ao Canal Mussolini, entrou em erupção, à medida que as forças americanas partiam para o assalto. A defesa alemã teve a costumeira obstinação, mas, ao anoitecer, a 1ª Força de Serviços Especiais e a 1ª DB haviam rompido a principal linha de resistência alemã. No dia seguinte, o 6º Corpo finalmente cortou a Rodovia N° 7 acima de Cisterna e cercou a cidade, que caiu a 25/05/44, ao custo de 476 americanos mortos, 2.321 feridos e 75 desaparecidos.

Mais cedo, nesse mesmo dia, o 91º Esquadrão de Reconhecimento, que formava a tropa avançada do 2º Corpo americano, fez contato com o 36º Regimento de Engenharia de Combate, realizando assim a junção da cabeça-de-praia com o grosso do 5º Exército. O que havia sido planejado para demorar uma semana, havia levado quatro meses.

Contudo, a ruptura no sentido de Valmontone estava se mostrando bastante custosa para o 6º Corpo. A 1ª DB havia perdido cerca de 100 blindados apenas no primeiro dia, enquanto o Corpo havia sofrido mais de 4.000 baixas nos primeiros dias da ofensiva. As tropas aliadas, porém, haviam arrebanhado 4.838 prisioneiros, incluindo 1.000 em Cisterna, e destruído ou danificado 2.700 veículos inimigos.

Nesse mesmo dia, porém, Clark tomou a decisão que ele tanto desejava, ordenando a Truscott que desviasse o seu esforço principal para Roma. A força destinada a atacar Valmontone limitou-se à 3ª DI americana, que havia acabado de tomar Cisterna e estava evidentemente desgastada, reforçada com a 1ª Força de Serviços Especiais e blindados. Era óbvio que essa força não seria suficiente para tal esforço. Cientes do ponto fraco na sua linha naquele ponto, os alemães enviaram a sua última reserva, a Divisão Panzer Hermann Goering. Contudo, a divisão estava muito desfalcada, tinha escassez de combustível e sofreu pesadas baixas devido aos ataques aéreos aliados durante o seu deslocamento. Na manhã do dia 26/05/44, apenas a unidade de reconhecimento da divisão estava em linha. Apesar disso, a 3ª DI americana se viu às voltas com pequenos contra-ataques locais e passou para a defensiva. Ela não cortou a rodovia e, com isso, o 10º Exército alemão pôde escapar.

Enquanto isso, a 26/05/44, as 45ª e 34ª Divisões de Infantaria atacaram na direção de Roma, também enfrentando feroz resistência. Por fim, todas as forças aliadas se alinharam para perseguir o inimigo batido.

E Roma, o grande troféu, caiu para as forças americanas a 04/06/44. Dois dias depois, os aliados desembarcaram na Normandia, transformando a frente italiana num mero espetáculo subsidiário.

### **Análise Final:**

Durante os quatro meses da Batalha de Ânzio, o 6º Corpo sofreu mais de 29.200 baixas, sendo 4.400 mortos, 18.000 feridos e 6.800 prisioneiros ou desaparecidos, além de 37.000 baixas fora de combate. As baixas alemãs foram estimadas em 27.500 (5.500 mortos, 17.500 feridos e 4.500 prisioneiros ou desaparecidos) – números bastante próximos das baixas aliadas.

A operação falhou inegavelmente quanto aos seus propósitos originais, ou seja, flanquear a “Linha Gustav”, contribuir para a sua queda e cortar as comunicações alemãs com a frente principal. As forças aliadas na cabeça-de-praia foram rapidamente contidas pelos alemães, graças à liderança audaz e enérgica de Kesselring. E isso sem enfraquecer a frente do 10º Exército, que conseguiu resistir aos repetidos ataques aliados.

No entanto, a impressão inicial de que toda a operação foi um fracasso é errônea. O fato dela não ter atingido os objetivos almejados não significa que ela não atingiu objetivo nenhum.

A simples presença de uma significativa força aliada estabelecida bem ao alcance de seus eixos de comunicação e de Roma era um pesadelo para os alemães, daí as ordens expressas para destruí-la. Com isso, um exército de 120.000 homens teve que ser empenhado ofensivamente em um terreno inadequado para blindados, fazendo com que o peso dos ataques caísse sobre os ombros da cada vez mais escassa infantaria alemã, que foi sangrada. Por outro lado, essa força não estava disponível para ser enviada para nenhum outro lugar, seja no reforço da própria “Linha Gustav”, seja para outras frentes. Em poucas palavras, eram 120.000 alemães que estavam bem longe da Normandia no “Dia-D”.

Enfim, Ânzio foi mais um sorvedouro para os esticados recursos alemães. A batalha de atrito foi igualmente custosa para ambos os lados, mas os aliados podiam absorver essas perdas – os alemães, não. Em última análise, Ânzio atendeu perfeitamente ao objetivo maior dos aliados na Itália, ou seja, atrair para longe da Rússia e da França o máximo de tropas alemãs.

Mas a Batalha de Ânzio continua sendo bastante polêmica até hoje pelas decisões que foram tomadas por dois comandantes americanos.

Em primeiro lugar, está a decisão de Lucas de se entrincheirar em Ânzio. Seus algozes alegam que, diante da inesperada surpresa total obtida, ele deveria ter se aproveitado da situação e enviado colunas motorizadas para os Montes Albanos, cortando as comunicações alemãs e levando o inimigo à loucura. Martin Blumenson, no livro “As Grandes Decisões Estratégicas”, insinua que a coisa poderia ter sido diferente se o General

Patton<sup>7</sup> estivesse no comando do 6º Corpo ao invés de Lucas. Uma liderança audaz e imaginativa poderia ter realizado a manobra acima proposta, coisa que o assoberbado Lucas jamais tentaria. Quem defende esse ponto de vista faz eco aos azedumes britânicos, que ficaram bastante irritados com toda a condução americana da batalha, a começar pelo próprio Churchill, que chegou a declarar: “Eu pensei que havíamos soltado um gato selvagem nas praias de Ânzio, mas tudo o que temos é uma baleia enalhada”.

Mas Churchill estava com muita pressa: ele não estava pensando apenas em conquistar Roma – ele estava visando os Bálcãs. Queria chegar lá antes dos soviéticos e impedir a influência comunista na região – e os aliados estavam perdendo a corrida. Mas desejos políticos não podem superar realidades militares.

De fato, a “Shingle” foi uma coisa na elaboração e se revelou outra totalmente diferente na execução. Embora a idéia de usar o poderio aeronaval para flanquear a linha de montanhas da Itália fosse lógica e desejável, os recursos para isso realmente não existiam. As duas divisões que foram despejadas em Ânzio estavam preparadas para abrir caminho a ferro e fogo e estabelecer uma cabeça-de-praia, não realizar uma grande incursão. Além do mais, duas divisões não poderiam jamais ocupar e defender um perímetro que incluísse os Montes Albanos e Ânzio – ainda mais sem contar com o apoio da artilharia naval. Seria inevitável o seu isolamento e conseqüente destruição. É pura fantasia achar que os alemães simplesmente entrariam em pânico e sairiam correndo aos gritos. Eles já haviam enfrentado crises tão ruins quanto essa e até piores. No espaço de uma semana, um exército alemão inteiro já estava diante da cabeça-de-praia. Enfim, um blefe terminaria inevitavelmente num desastre total, ou seja, o aniquilamento de todo um Corpo aliado de 60.000 homens, com todas as conseqüências militares, políticas, morais e de propaganda possíveis e imagináveis. O fato dos alemães declararem que esperavam que os aliados fizessem isso demonstra apenas que eles não tinham conhecimento algum sobre a força desembarcada. É uma tendência natural supervalorizar os meios do inimigo e suas próprias deficiências.

O erro que pode ser atribuído a Lucas não é não ter avançado para os Montes Albanos, mas ter

parado cedo demais. Uma vez que todos os objetivos para o primeiro dia já haviam sido tomados pelo final da manhã, o ideal seria avançar o máximo até encontrar resistências alemãs consistentes, talvez até conseguindo tomar Cisterna. No entanto, mesmo isso poderia ter sido perigoso, pois a ofensiva alemã contra uma frente menor e bem organizada quase aniquilou a cabeça-de-praia. Portanto, contra uma frente ainda mais distendida, as chances alemãs teriam sido ainda melhores.

Portanto, não se pode, conscientemente, crucificar Lucas. Dentro das limitações e das ordens que ele tinha, estabelecer uma cabeça-de-praia segura – que seria sempre uma dor de cabeça para os alemães – era um resultado muito mais realista do que os insensatos devaneios de Churchill. Além disso, a sua condução da defesa da cabeça-de-praia foi digna dos maiores elogios. No entanto, tanto Clark quanto Alexander concordaram que Lucas estava muito cansado e precisava ser substituído. Lucas tinha 54 anos e estava na guerra desde a campanha da Sicília. Estava no comando do 6º Corpo desde 20/09/43 e já havia visto batalhas demais. A impressão de que a sua destituição foi um castigo pelo aparente fracasso em Ânzio persiste até hoje, embora os envolvidos diretamente neguem isso. Lucas ainda escreveu no seu diário após a demissão: “Pensei que tinha conseguido uma espécie de vitória”.

A outra decisão polêmica foi a mudança do eixo de ataque do 6º Corpo de Valmontone para Roma, ordenada por Clark em 25/05/44.

O 10º Exército alemão havia sido expulso da “Linha Gustav” e estava em franca retirada, procurando manter os aliados à distância através da ação de fortes retaguardas. A 23/05/44, o 6º Corpo iniciou o ataque planejado contra Valmontone através de Cisterna e teve um grande êxito. A resistência alemã era obstinada, como, aliás, era o normal. Mas, nesse caso, era ainda mais, pois os germânicos sabiam que estavam mantendo a porta aberta para a fuga do seu 10º Exército. E embora as forças engajadas tenham sofrido bastante, havia ainda três divisões intactas – a 34ª, a 36ª e a 45ª – que poderiam ter sido lançadas para romper definitivamente a linha, permitir a conquista de Valmontone e cercar o 10º Exército alemão ou, pelo menos, criar grandes dificuldades para ele.

Apesar de Alexander ter declarado diversas vezes que desejava a manobra de Valmontone – inclusive diretamente a Truscott – Clark manteve-se rigorosamente fiel à idéia de flexibilidade de comando e continuou reservando para si a decisão final. Protestou com Alexander por não ter seguido a cadeia normal de comando, ao falar diretamente com Truscott, e anulou as instruções que Alexander dera a ele. Apesar disso, acabou dando a ordem de atacar inicialmente para Cis-

<sup>7</sup> A bem da biografia do General George Patton, é importante notar que ele não era necessariamente um temerário. A grande arremetida através da França, que consolidou a sua fama, só foi realizada porque as forças alemãs ao sul do rio Loire eram fracas e porque ele podia contar com a aviação aliada para abastecê-lo se a sua retaguarda fosse cortada. E não era essa a situação em Ânzio: as forças alemãs que se dirigiam para a região eram poderosas e o mau tempo e a falta de aeródromos na região prejudicavam a ação da aviação.

terna. Dois dias depois, com a captura da cidade, Clark se viu diante da necessidade de decidir a questão de uma vez por todas.

A linha alemã diante do 8º Exército britânico desmoronava, mas uma nova linha alemã, a “Linha Cesar”, foi rapidamente organizada tendo por base os Montes Albanos. Mas ela ainda não estava totalmente guarnecida no dia 25 e o 6º Corpo poderia tê-la rompido e chegado a Valmontone. No entanto, no entender de Clark, mesmo cortando a Rodovia Nº 6, isso não significaria o cerco do 10º Exército alemão, pois as tropas alemãs poderiam seguir por estradas secundárias até a Rodovia Nº 5, que também demandava Roma, vindo da costa do Adriático. Além disso, ele sentia que o seu 5º Exército havia suportado mais o peso da campanha italiana que o 8º Britânico (como se os ingleses não estivessem também enfrentando combates pesadíssimos, inclusive em Ânzio) e, portanto, ele merecia o troféu da conquista de Roma. Desculpa esfarrapada! Além dos britânicos terem suportado toda a campanha italiana em termos de igualdade com os americanos – e a guerra por muito mais tempo – muitas das vitórias “americanas” foram, de fato, de tropas estrangeiras sob o comando americano, particularmente os argelinos e marroquinos do Corpo Expedicionário Francês.

Mas o que aparentemente Clark nunca reconheceu é que ele poderia ter matado dois coelhos numa só cajadada: ao avançar para Valmontone, ele poderia ter cortado a rodovia (como queria Alexander) e teria chegado a Roma (como ele queria) mais rápido e por um preço menor. Diante de Valmontone, as unidades alemãs haviam acabado de ser derrotadas com pesadas baixas e suas defesas ainda estavam mais ou menos desorganizadas. Ele teria então um eixo mais fácil para chegar a Roma pela própria Rodovia Nº 6. Ali, a “Linha Cesar” não estava ainda guarnecida e não tinha obstáculos naturais significativos. Ao invés disso, ao ordenar o ataque pelo caminho mais curto, diretamente contra Roma, ele bateu de frente com o bem estabelecido 1º Corpo Pára-Quedista<sup>8</sup> alemão, que conseguiu manter a linha durante dois dias. Com isso, o 10º Exército pôde escapar para Roma pela Rodovia Nº 6 (sem precisar usar “estradas secundárias para a Rodovia Nº 5”) e ainda causar baixas e atrasos aos britânicos.

Alexander visitou o QG do 5º Exército no dia 26/05/44 e foi recebido pelo General Gruenther, chefe de Estado-Maior de Clark. Este explicou ao chefe que o 6º Corpo estava lançando uma ofensiva geral, tanto contra Valmontone, quanto contra os Montes Albanos. Com toda a elegância que só um inglês consegue ter, ele logo percebeu

que o estavam fazendo de otário, mas aceitou o fato consumado. Ele comandava uma força multinacional e os orgulhos nacionais eram um fator muito importante a ser considerado. Além disso, era uma questão de princípio que um comandante de Exército tivesse a liberdade de manobra para executar a ação que lhe parecesse mais compensadora. Ele apenas perguntou a Gruenther se Clark estava ciente da importância de conquistar o terreno elevado ao sul de Ardena e foi-se embora.

No final das contas, os alemães conseguiram retrair em ordem para o norte e deixaram Roma aberta ao conquistador.



Soldados da 85ª DI americana entram em Roma.

No dia 04/06/44, tropas americanas (vindas do vale do Liri e não de Ânzio) entraram em Roma, sem luta, enquanto os alemães fugiam para lutar novamente no norte da Itália. Ali foi organizada uma nova linha defensiva ao longo dos Montes Apeninos – a “Linha Gótica” – e que resistiria até perto do fim da guerra, sofrendo os aliados mais alguns milhares de baixas, inclusive de brasileiros. Mas Clark teve o seu dia de glória, pouco importando se o preço disso era a perda da confiança entre aliados ou milhares de vidas humanas. Decisões baseadas no orgulho pessoal, em detrimento do bem comum, só podem gerar resultados desse tipo, seja na guerra ou na paz. Em troca de uma glória efêmera e vazia, Clark sacrificou uma das melhores oportunidades que os aliados tiveram de abreviar a campanha da Itália, que acabou sendo o Teatro de Operações de maior média de baixas por divisão americana em toda a 2ª Guerra Mundial.

<sup>8</sup> Então composto pela 4ª Divisão Pára-Quedista, 65ª Divisão de Infantaria e 3ª Divisão Panzergrenadier.